

Marchete dez-65

715

Recado de PARIS

RUBEM BRAGA

PARIS, novembro — Como todo mundo, Jean Gabin escreve suas memórias. O primeiro capítulo, publicado em um jornal, fala de sua vida presente. O “malvado” do cinema é um sossegado pai de família que comprou uma casa que vai pagando a prestações, chama a mulher de “mamãe” e conta histórias da filhinha que “tem onze meses e quatro dentes e meio” e mesmo da cozinheira “que é uma perola e não se zanga quando eu entro na cozinha para molhar um pedaço de pão no molho da carne que ela está assando”.

* *

Alguns pensamentos de Robert Beauvais: “A vantagem das casas pré-fabricadas é que a gente sempre pode bater na madeira quando diz: até hoje nunca tivemos nenhum incêndio.”

Numa exposição de pintura moderna: “A arte não é a imitação da vida: há muito mais compoteiras nas exposições de pintura que na realidade”.

E diante do Arco do Triunfo: “Nietzsche deve ter sido mesmo um filósofo de muita força, para poder influenciar tanto Napoleão que viveu um século antes dele.”

* *

Maurice Chevallier escreveu um artigo na revista católica “Ecclesia” sobre um livro de um dominicano. E agora que esse religioso seu amigo vai publicar outro livro, ele pediu ao editor para fazer o prefácio. “Ficarei muito contente se souber que algum camarada comprou o livro de frei Boulogne pensando assim: se Mauricio recomenda, deve ter alguma coisa que preste...”

* *

Qual o tipo da mulher ideal? Um “pensador” de bulevar diz que o ideal dos homens é a mulher S.O.S. Isso quer dizer: sensual, obediente e silenciosa.

Leo Larguier, o poeta que morreu há dias, tinha falado pouco antes, no rádio, no programa “O último quarto de hora”, em que cada entrevistado diz as frases que gostaria de pronunciar antes de morrer. Ele se dirigiu a um menino, seu neto, que só agora ouviu essa gravação.

“Quando eu morrer, não quero que me vistam como se fosse a um jantar de cerimônia. Enrolem meu corpo em um lençol, e quando me puserem em um caixão, peça que você coloque, sob minha cabeça, o grosso dicionário cheio das palavras francesas que tanto ame!”

M 715

M 715

21.11.50